

PONTO DE CONTATO: Transferência da Palatalização do Português para o Inglês¹

Mestranda Neliane Raquel Macedo Aquino (UFT)

Resumo:

A aprendizagem de uma língua estrangeira – LE – possibilita transferências de fenômenos fonológicos os quais são comuns na língua materna – LM – do aprendiz. Em se tratando de inglês como língua estrangeira, é possível perceber a transferência do fenômeno de palatalização para a LE na pronúncia de falantes nativos de português. A palatalização ocorre no português brasileiro com oclusivas alveolares que se manifestam como africadas, em distribuição complementar. Por conseguinte, o falante nativo de português, em processo de aprendizagem do inglês e que utiliza essa característica da língua materna, transfere, em fase inicial, o processo de palatalização para a outra língua. Entretanto, o fenômeno não é gerado por nativos do inglês, visto que o que é considerado alofonia no português é dado como fonemas distintivos na LE. A partir disso, objetivamos caracterizar a transferência da palatalização promovida na pronúncia do inglês por alunos de uma escola regular de Ensino Médio da cidade de Imperatriz – MA. Para tanto, foi utilizado um recorte de dados gerados em pesquisa de campo, composto por verbos regulares do inglês no passado simples. A pesquisa de campo seguiu os postulados do Estudo de Caso e as pronúncias coletadas foram categorizadas em nuvens de acordo com a Teoria de Exemplos. Esse recorte faz parte de um corpus maior gerado para uma pesquisa de Mestrado sobre a pronúncia de verbos. Argumenta-se, ainda, a relevância da promoção da consciência fonológica sobre tal característica da LE em sala de aula para que o aluno possa diferenciar a LE da LM e desenvolver melhor sua aprendizagem.

Palavras-chave: Transferência do Português para Inglês; Palatalização; Aprendizagem de LE.

1 INTRODUÇÃO

A aprendizagem de uma língua estrangeira – LE – possibilita transferências de fenômenos fonológicos os quais são comuns na língua materna – LM – do aprendiz. Em se tratando de inglês como língua estrangeira, percebemos a transferência do fenômeno de palatalização para a LE na pronúncia de falantes nativos de português. Esse contexto é possível porque, durante o processo de aprendizagem de outra língua, o falante toma como base o padrão de sua língua materna, tornando-se a referência para qualquer nova forma que está sendo adquirida. Como há diferenças marcadas entre a LM e LE, o professor de inglês, durante seu trabalho, evidencia alguns fenômenos da nossa língua os quais não ocorrem naquela outra, devido suas características específicas.

¹ Este estudo ficou evidenciado durante a análise de dados da pesquisa de Mestrado que tem como foco a pronúncia da coda silábica de verbos.

Assim, o presente trabalho caracteriza e analisa o fenômeno de palatalização a partir de dados gerados em uma sala de aula de ensino médio para explicitação do que ocorre na região de Imperatriz – MA sobre o fenômeno especificado. Argumenta-se, ao final, sobre o trabalho do professor como aquele que pode promover conscientização dos alunos sobre essas diferenças e, dessa forma, evitar desentendimentos sobre a pronúncia e significado das palavras da LE em contextos de uso.

Para tanto, primeiramente, conceituamos o fenômeno da palatalização no português. Depois, trazemos informações sobre os aspectos da transferência desse fenômeno para o inglês. Então, descrevemos a coleta e a análise de dados a que chegamos. Por fim, apresentamos algumas considerações sobre o estudo.

2 A PALATALIZAÇÃO E A TRANSFERÊNCIA

O fenômeno de palatalização é definido por Silva (2011, p. 168) como “(...) fenômeno pelo qual uma consoante adquire uma articulação palatal ou próxima à região palatal”. A autora (op. cit.) explica ainda que, no caso do português brasileiro, a palatalização ocorre com oclusivas alveolares /t, d/ as quais são pronunciadas como africadas /tʃ, dʒ/ quando se encontram antes de vogal alta ou *glide* palatal. Ainda, esse fenômeno é considerado alofonia e, segundo ela, “é importante marcador dialetal no português brasileiro” (p. 168). Recebe também o nome de africacão.

Os contextos em que ocorre palatalização de [t,d] são, portanto, diante de [i, ɪ, ĩ, ɨ] (SILVA, 2011). Ela (ibid, 2012, p. 101) argumenta que “o falante brasileiro de inglês – cujo dialeto apresenta o processo de palatalização de oclusiva alveolar – tende a aplicar esse processo quando fala inglês”. Exemplifica o fenômeno com as pronúncias abaixo (party e body):

	Português	Inglês
t.	‘pa:. tʃi	‘pa:. ti
d.	‘bɔ. dʒi	‘bɔd. i

Zimmer (2003, p.59) evidencia como ocorre o fenômeno da transferência durante a aprendizagem de uma LE e argumenta que tal característica é comum devido à possibilidade de promover correspondências entre os sistemas da LM e da LE, neste caso, português e inglês. Segundo a autora,

(...) os aprendizes baseiam-se no conhecimento que tem de sua língua materna para compreender como a língua estrangeira é estruturada – seja no nível fonológico, sintático, semântico ou pragmático – e para produzi-la. Esse processo é chamado de transferência de propriedades da L1 para a L2

A transferência da palatalização ocorre entre as línguas com os sons /d/ e /dʒ/, e os sons /t/ e /tʃ/, ou seja, ocorrem em distribuição complementar. Na região da pesquisa, os alofones ocorrem em ambientes em que as letras t e d são seguidas de vogal anterior alta sendo, nesse ambiente fonético, muito produtivas. Essa característica da região dos falantes gera transferência devido ao fato de que para o inglês esses sons não são considerados alofones. São fonemas distintivos e, portanto, possuem ambientes específicos de pronúncia.

3 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados dessa pesquisa foram coletados durante quatro aulas sobre pronúncia de verbos, ministradas por um professor de inglês em uma turma de primeira série de ensino médio de uma escola pública. O recorte faz parte de um conjunto maior de dados gerados para a pesquisa de Mestrado que tem como foco a instrução de pronúncia sobre coda silábica de verbos do inglês no passado simples. As realizações em figuras separadas correspondem à produção dos alunos. Sendo assim, foram coletadas 13 realizações por meio de gravação de áudio, as quais se repetiam em sala durante as aulas.

Para coleta de dados, acompanhamos o percurso regular de aulas do professor de língua inglesa. Ele ministrava aula sobre verbos regulares no passado simples. Primeiramente, explicou a gramática e o uso, depois abordou a questão da pronúncia. Para tanto, utilizou as atividades do livro didático e atividades extras. As pronúncias dos alunos foram gravadas no momento anterior à explicação dada pelo professor sobre o detalhe fonético.

A partir da análise dos dados, evidenciaram-se alguns fenômenos fonológicos os quais são característicos da LM na pronúncia da LE. Limitamo-nos, neste trabalho, a demonstrar somente o fenômeno de transferência da palatalização por questões de tamanho do texto. Ainda pelo mesmo motivo, escolhemos quatro verbos para análise, os quais são mostrados após a explanação teórica.

Tomamos como base desse estudo o fato de que uso da língua reflete-se em exemplares (Bybee, 2001). Por isso, é possível construir redes de representações mentais que levam em consideração diferentes fatores os quais se ligam entre si, formando as novas categorias de aprendizagem. Segundo Haupt (2011), as nuvens não são fixas, elas vão sendo moldadas pela

experiência do aprendiz, por meio do uso da língua. O quadro abaixo é um exemplo dos fatores que influenciam na formação das nuvens (Bybee, 2001):

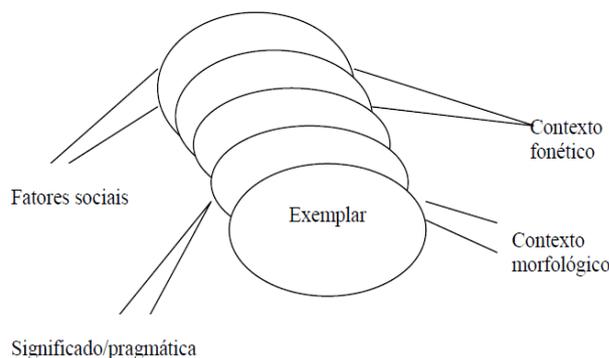


Figura 1: Representações e associações em exemplares. Extraído de BYBEE, J L. Phonology and language use. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p.52.

A exemplo da ocorrência do fenômeno da palatalização de /t/, Silva (2002) relaciona-o no português brasileiro de acordo com a seguinte nuvem:

Nuvem de exemplares em competição

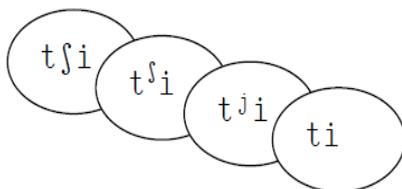


Figura 2: Nuvem de exemplares em competição. Extraído de SILVA. Descartando fonemas: a representação mental na Fonologia de Uso. In: HORA, D; COLIISHONN, G. (org). Teoria Linguística: Fonologia e outros temas. UFPB: Ed. Universitária, 2002, p. 215.

A autora (op. cit.) lembra ainda que os estágios demonstram que as sequências fonéticas estão em competição. “Com o fortalecimento das sequências fonéticas inovadoras temos um caso de mudança em progresso quando os alofones /t/ e /tʃ/ se encontram em competição” (SILVA, 2002, p. 215). Como há maior frequência da sequência fonética inovadora /tʃi/ no uso, esta se fortalece e ganha espaço na pronúncia dos falantes, tornando-se regular. Portanto, especificamente para a região da pesquisa, a frequência do padrão de realização de /t/ determina-se de acordo com a nuvem:

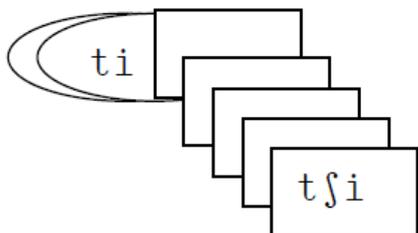
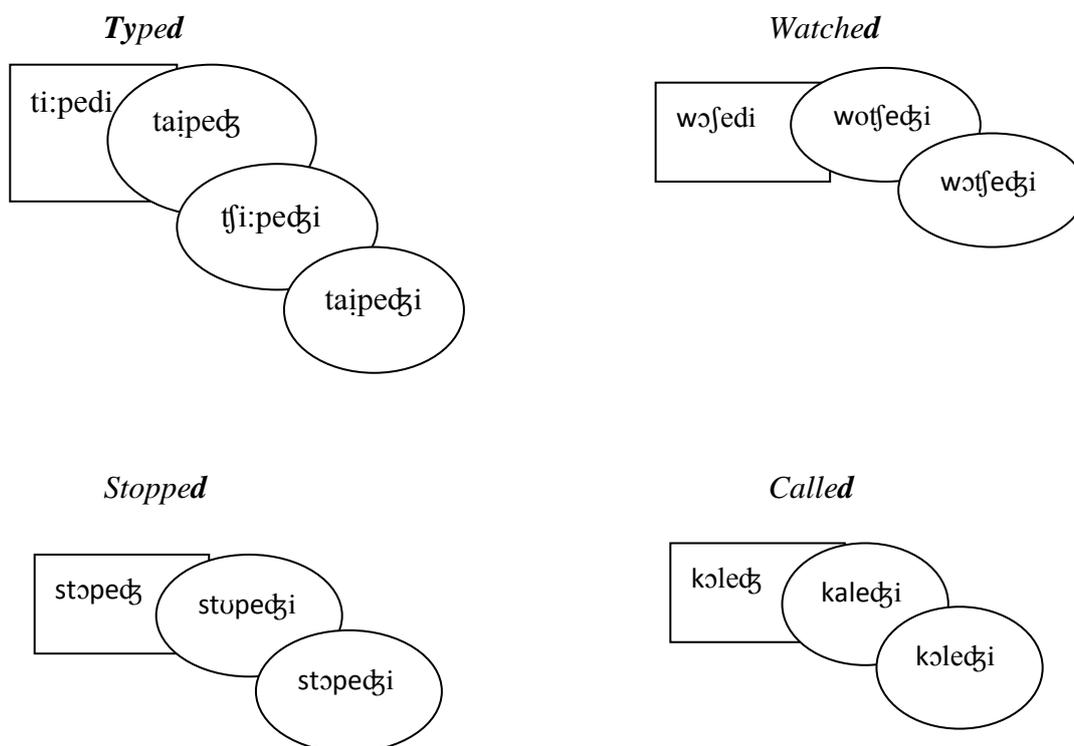


Figura 3: Nuvem de frequência do padrão ti e tʃi. Extraído de SILVA, T. C. Descartando fonemas: a representação mental na Fonologia de Uso. In: HORA, D; COLIISHONN, G. (org). Teoria Linguística: Fonologia e outros temas. UFPB: Ed. Universitária, 2002, p. 216.

Essa interpretação pode ser utilizada também para entendimento do que ocorre com /d/. Evidenciamos, dessa maneira, a transferência da palatalização, em nuvens, com a pronúncia dos cinco verbos abaixo que foram trabalhados durante a aula do professor. Nesses verbos, destacamos a palatalização ocorrida tanto para /t/ quando para /d/. A parte negritada demonstra onde ocorreu a palatalização:



A partir dos dados, observa-se que o fonema da coda silábica foi produzido por várias vezes como [dʒ], principalmente antes da instrução do professor sobre pronúncia, devido influência da língua materna e padrão específico da região na qual a pesquisa foi realizada. Nesta região, o fonema [d], quando acompanhado da vogal alta anterior [i] realiza-se como [dʒ]. Como o fonema está em final de sílaba e o padrão fonotático da língua portuguesa não caracteriza esse fonema consonantal como final de sílaba, algumas vezes também foi adicionada uma epêntese final [i].

Como a letra y, em alguns contextos, equivale à vogal [i], houve uma pronúncia [tʃi:pedʒ] (*typed*), demonstrando que o aluno trouxe a palatalização pela interpretação de “y” como [i] naquele ambiente. É importante frisar que a letra “y” tem outras correspondências de pronúncia na LE. No

verbo em questão, equivale ao ditongo [aj]. Essa característica da LE gera confusões ao aprendiz de inglês. Houve, portanto, duas palatalizações na pronúncia verbal.

O verbo *watched* demonstra o fenômeno de forma interessante pois, para ele, ocorre [tʃ]. Entretanto, algumas vezes tal verbo foi confundido com o verbo *washed* e gerou a pronúncia [wɔʃed]. Isso evidencia que os ambientes em que ocorrem os sons no inglês, [t], [ʃ] e [tʃ], são confundidos e associados ao padrão da língua materna, tendo como opção a palatalização ou não do encontro consonantal “tch”. Os verbos *stopped* e *called* também são exemplos da palatalização da coda silábica.

Analisamos ainda que, após algum tempo de instrução explícita e prática de pronúncia, ocorrerá gradualmente a diminuição da força da transferência que gera o som [dʒ] e [tʃ], aproximando a pronúncia cada vez mais da realização em [d] e [t], mesmo embora a palatalização permaneça nas realizações em língua materna. Esse processo de mudança caracteriza a consciência fonológica sobre as línguas.

Dessa maneira, Zimmer, Alves e Silveira (2006, p. 11) defendem que as práticas baseadas em instrução explícita sobre pronúncia podem “exercer efeitos de curto e longo prazo sobre qualquer aspecto da L2 que tenha sido explicitada pelo professor”. Por isso, a presença dessa prática em sala procede.

Justifica-se, assim, a prática da instrução explícita sobre dois fundamentos principais: a necessidade de despertar a percepção do aprendiz, o que possibilitará uma maior exposição ao input linguístico da L2, e a concepção de interação dinâmica entre os conhecimentos implícito e explícito. (Zimmer, Alves e Silveira, 2006, p.12).

Segundo os autores (op.cit.) a instrução explícita, quando empregada em sala de aula, pode promover o desenvolvimento da consciência linguística do aluno sobre a língua alvo, seja sobre aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos ou pragmáticos, e pode ser empregada de forma dedutiva ou indutiva. Essa consciência promovida em sala representa a capacidade que o aluno possui, sendo adulto com conhecimento de outra língua, de se utilizar da sua capacidade cognitiva de pensar sobre a outra língua, sobre os aspectos dessa LE. Alves (2012, p. 212) ressalta que é “também através do grau de consciência como entendimento que o aprendiz é capaz de descrever explicitamente as características do aspecto linguístico presente no input a que ele é exposto”.

Nesse íterim, acreditamos que o processo de conscientização fonológica por meio da instrução explícita que é promovido em sala pelo professor de línguas pode ser utilizado como fator

contribuinte ao processo de ensino e aprendizagem. Essa conscientização auxilia o aluno a perceber as diferenças entre os sons da LM e da LE no *input* acústico que recebe, envolve-o cognitivamente no seu processo de aprendizagem e melhora seu *output* (Zimmer, Alves e Silveira, 2006).

A instrução explícita de aspectos fonético-fonológicos auxilia, portanto, o aluno a reconhecer padrões que não são caracterizados na língua materna e, assim, ele se torna capaz de diferenciar as ocorrências sonoras da língua estrangeira as quais não conseguiu notar por si só. De acordo com Barreto e Alves (2012) “(...) a consciência dos aspectos fonético-fonológicos da L2 é condição necessária para que ocorra a aquisição dos sons da língua-alvo” (p.231).

4 Considerações Finais

O pequeno quadro de exemplos de verbos expostos demonstra a ocorrência do fenômeno de palatalização das oclusivas /t/ e /d/ na região da pesquisa. A partir dos exemplos também é possível entender melhor o ambiente de produção fonética dos alunos participantes, as transferências que ocorrem durante sua fase inicial de aprendizagem e promover um processo de consciência fonológica que auxilie na aprendizagem dos estudantes.

Mais do que conscientizá-los sobre os aspectos evidenciados, buscamos auxiliar o trabalho do professor de línguas que traz como tarefa de trabalho entender um fenômeno tão complexo quanto é a aprendizagem de língua. Nesse sentido, as pesquisas empíricas, como esta, fortalecem o conhecimento sobre os aspectos fonético-fonológicos do ambiente de sala e podem servir para promoção de reflexão sobre as práticas que nela ocorrem e seu papel no ensino, como por exemplo, a instrução explícita.

Referências

ALVES, U. K. A explicitação dos aspectos fonético-fonológicos da L2: teoria e pesquisa na sala de aula. In: LAMPRECHT, R. R. et al. *Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. 2. ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012. p. 211-230.

BARRETO, F. M.; ALVES, U. K. Como inserir o ensino comunicativo de pronúncia na sala de aula de L2. In: LAMPRECHT, R. R. et al. *Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. 2. ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012. p. 231-258.

BYBEE, J L. Phonology and language use. *Language Variation and Change*, 14, Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p.261–290.

HAUPT, C. O fenômeno da monotongação nos ditongos [a□ □ ,e□ □ ,o□ □ ,u□] na fala dos florianopolitanos [tese] : uma abordagem a partir da fonologia de uso e da teoria dos exemplares. Tese de Doutorado. Florianópolis, SC, 2011.

SILVA, T. C. Pronúncia do inglês: para falantes do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Dicionário de Fonética e Fonologia. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Descartando fonemas: a representação mental na Fonologia de Uso. In: HORA, D; COLIISHONN, G. (org). Teoria Linguística: Fonologia e outros temas. UFPB: Ed. Universitária, 2002. P.200-231.

ZIMMER, M.C.; ALVES, U.K; SILVEIRA, R. A aprendizagem da L2 como processo cognitivo: a interação entre explícito e implícito. Nonada, n.9, p.89-102, 2006.

ZIMMER, M. C. A transferência do conhecimento fonético-fonológico do português brasileiro (L1) para o inglês (L2) na recodificação leitora: uma abordagem conexionista. [tese]. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

1. Neliane Aquino: Mestranda em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) – *campus* de Araguaína. Email para contato: nr.macedo@hotmail.com.